

## **É preciso lá fora mais brasileiros**

15/06/2006

Por que o país está à margem da circulação de cérebros -- o novo fenômeno da globalização

Por Marcelo Coppola e Nelson Blecher

### **EXAME**

No início desta década havia 1 milhão de indianos com curso superior -- entre eles, Ph.Ds. em grande número -- vivendo em 30 países. A diáspora de cérebros engrossou a partir dos anos 70, quando classes inteiras de engenheiros e técnicos indianos seguiram para os Estados Unidos em busca de oportunidades de trabalho que não havia em seu país. Muitos deles se fixaram no Vale do Silício, na Califórnia, onde passaram a trabalhar em empresas da região ou se associaram a mais de 900 empreendimentos na área de tecnologia. O patrimônio somado desses profissionais foi estimado em 30 bilhões de dólares -- cifra inalcançável caso tivessem permanecido na Índia. "Fuga de cérebros é sempre melhor do que cérebros vazios", disse certa vez Rajiv Ghandi, ex-primeiro-ministro indiano. Estimulados pelo formidável salto de crescimento econômico experimentado, milhares desses cientistas, professores, matemáticos e executivos retornaram à Índia nos últimos anos. Muitos foram atraídos pelos novos centros de tecnologia instalados em seu país por gigantes como Intel e GE. Outros, graças aos conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos, abriram o próprio negócio numa economia em expansão. Essa massa de gente altamente qualificada faz parte de um movimento que vem sendo chamado de brain circulation, ou "circulação de cérebros". O termo foi cunhado por AnnaLee Saxenian, professora da Universidade Berkeley e estudiosa das migrações. A diáspora às avessas, segundo ela, converteu-se num ciclo virtuoso baseado no inestimável patrimônio de capital humano. Os matemáticos e físicos indianos que foram expostos ao choque de modernidade do Vale do Silício voltaram profissionais melhores. Com suas redes de contatos internacionais e experiência na gestão das empresas flexíveis moldadas no vale, fazem algo além de simplesmente transferir tecnologia e dinheiro a seu país de origem. Com capacidade de montar parcerias de negócios, esses emigrantes passaram a atuar também como mentores de empreendedores locais e até conselheiros do governo em questões decisivas para acelerar o crescimento do país. Movimento semelhante ocorreu na China. Dos 450 000 profissionais de ciência e tecnologia que haviam deixado o país desde meados dos anos 70, cerca de 150 000 já retornaram, atraídos por 200 programas montados pelo governo chinês com essa finalidade. Cerca de 80% dos membros da Academia de Ciências e 54% da Academia de Engenheiros trabalharam no exterior. A China conta hoje com mais de 800 000 pesquisadores, número superior ao do Japão e ao de qualquer país da União Européia.

Embora em menor proporção, o Brasil confronta-se hoje com o mesmo tipo de diáspora de cérebros que Índia e China enfrentaram no passado. Entre os integrantes da nata de talentos nacionais que deixaram o país figuram o neurocientista paulista Miguel Nicolelis, eleito pela revista Scientific American um dos 50 líderes mundiais da ciência, o carioca José Alexandre Scheinkman, que se tornou o economista brasileiro de maior projeção internacional, e a astrônoma paulista Duília de Mello, que estuda galáxias distantes do universo na Nasa, agência espacial americana. Todos partiram motivados invariavelmente por uma razão: o Brasil ficou pequeno para suas aspirações de crescimento profissional. A diferença em relação aos indianos e chineses é que esses brasileiros, que se tornaram referência em seus campos de atividade, não têm planos de voltar tão cedo para o país. Um dos grandes desafios do Brasil não é evitar que as melhores cabeças emigrem em busca de aperfeiçoamento e oportunidades de

crescimento. Ao contrário, isso deveria ser estimulado. (Hoje, há apenas 2 400 brasileiros fazendo cursos de mestrado e doutorado no exterior com bolsas da Capes, agência federal que mais apóia pesquisas desse tipo.)